

Dinis Santos

VIAJANDO PELOS ALPES II

CRÓNICAS HUMORÍSTICAS DE UMA VIAGEM EM FAMÍLIA



1ª Edição

Aos incansáveis companheiros de estrada, grandes e pequenos,

Este livro é dedicado a todos aqueles que, com a mesma energia da nossa primeira aventura, continuam a abraçar novos desafios e horizontes em família. À nossa filha, que, já mais crescida, nos ensina diariamente que a curiosidade e a alegria são os nossos melhores companheiros de viagem; e à nossa família, que continua a ser o porto seguro de onde partimos e para onde regressamos.

Que estas crónicas despertem sorrisos genuínos, inspirem sonhos ambiciosos e nos recordem que, independentemente dos desvios e desafios do percurso, são os momentos que vivemos em conjunto que transformam cada jornada num verdadeiro tesouro.

Viajar em família é muito mais do que a escolha de destinos ou rotas. É uma série de episódios inesperados que fazem de cada viagem uma verdadeira odisseia familiar. Quando partimos pela primeira vez pelos Alpes, estávamos prontos para enfrentar o desconhecido com uma bebé que mal sabia sentar-se. Um ano depois, voltamos, e com uma mudança significativa: a Íris já anda, já fala com os seus balbucios encantadores e, claro, tem uma nova companheira inseparável, a sua boneca Matilde, que quase lhe faz sombra em tamanho. A nossa pequena família regressa aos Alpes, mas desta vez com novos olhos, novas paisagens e, acima de tudo, novos desafios.

Esta segunda aventura levou-nos a um roteiro diferente. Deixámos para trás os lagos suíços e as paisagens já exploradas para descobrir as Dolomitas, a Áustria, Tirol e Hallstatt. Tudo estava diferente, mas a essência continuava a mesma: o desejo de explorar o desconhecido e, ao mesmo tempo, criar novas memórias em família. Esta viagem já não era sobre nós – adultos curiosos que decidem explorar o mundo. Era sobre como a Íris vê o mundo, sobre como ela, já mais crescida e cheia de energia, se aventura pela mão, enquanto nós a tentamos acompanhar.

De muitas formas, esta viagem foi um teste. Já não estávamos apenas a aprender como ser pais e viajar com uma bebé. Estávamos agora a entender como é viajar com uma pequena exploradora cheia de vontade própria, que apontava para o horizonte com determinação e entusiasmo. Cada paragem foi mais do que uma simples pausa para descansar. Foi uma oportunidade de ver o mundo pelos olhos da Íris.

Nesta segunda jornada, a nossa missão manteve-se: registrar tudo. Não apenas para preservar as memórias, mas para mostrar, a quem lê, que viajar com filhos não é uma tarefa árdua ou um fardo a carregar. Pelo contrário, é uma oportunidade de crescimento, de partilha, e de muita diversão.

Por isso, caríssimo leitor, prepare-se para embarcar connosco. Não prometemos rotas suaves, nem planos sem falhas. O que prometemos são histórias cheias de surpresas, de alegria, e de muito humor. Histórias sobre como o desconhecido, quando partilhado, se torna numa aventura inesquecível.

Boa viagem, boa leitura, e quem sabe... até à próxima aventura.

Índice

1. Um Ano Depois...
2. Todos a Bordo
3. Reencontro de Titãs
4. *Lago di Garda* e as Maças de Trentino
5. Dolomitas e Fortificações da Linha Alpina
6. Tirol, Castelos e o Lobo do Lago
7. Munique e a *Hofbräuhaus*
8. Mozart, Salzburg e *Red Bull*
9. Hallstatt e Mergulho Promessa
10. O Último Passeio
11. *The Last Dance*

1. Um Ano Depois...

Um ano passou desde aquela viagem inesquecível pelos Alpes. Foi uma viagem tão memorável que acabou por dar um livro inteiro. Sim, caro leitor, se não faz ideia do que estou a falar, recomendo vivamente a leitura de *Viajando pelos Alpes – Crónicas Humorísticas de Uma Viagem em Família*. Não só porque é uma obra-prima da literatura contemporânea (e não, não estou a exagerar), mas porque é uma das raras oportunidades de ler sobre pessoas normais a tentarem sobreviver às suas próprias férias, imagine-se. Dá para perceber o material humorístico, certo?

Agora, o que me surpreendeu mais nessa aventura? Não foi só o leitor, aquele fiel seguidor que adorou a nossa catástrofe planeada, a pedir por mais descrições de viagens. Nós próprios, acredite-se ou não, ficámos com água na boca. Parece que os Alpes, com todos os seus ziguezagues (de estrada e de enredo), deixam sempre aquele gostinho de "vamos lá fazer isto outra vez, mas desta vez, sem perder as chaves do carro... talvez." As paisagens arrebatadoras, aquelas que nos fazem sentir pequenos e ligeiramente incompetentes como turistas, misturadas com os momentos familiares que oscilam entre o cómico e o trágico, criam um tipo de memória que

só pode resultar em crónicas. Percebemos assim, de forma muito clara, que precisávamos de mais. Mais montanhas, mais neve, mais... peripécias! Porque, no fundo, que graça tem uma viagem se não houver um bocadinho de drama para contar depois? É desse tempero que precisamos e que dá sabor à vida!

E, como quem não quer a coisa, o tempo passou... rápido demais, se me perguntarem. Íris, aquela pequena aventureira que mal balbuciava sílabas há um ano, agora já anda por aí, literalmente! Com um ano e meio de idade, decidiu que rastejar era coisa do passado e que correr era algo muito mais divertido! Cresceu em altura e em esperteza, e não foi só ela que cresceu. O nosso entusiasmo por viajar parecia ter aumentado na mesma proporção. Se ela já conseguia andar, quem éramos nós para ficar parados? Era altura de fazer outra viagem — não uma simples repetição da primeira, mas algo mais ambicioso. Um novo roteiro pelos Alpes, mas com uma diferença crucial: queríamos desafiar o Alexandre, o Padrinho da Íris, e a Tiziana, a sua companheira de vida, a fazer parte da aventura, e desta vez, sublinho desta vez, todos iríamos viajar juntos do princípio ao fim. Nada de encontros casuais a meio da viagem, como ocorrido no passado. Desta vez tínhamos um plano e estávamos confiantes de que nada nos iria parar... ou, pelo menos, era o que queríamos acreditar.

Claro, agora com a Íris a andar, o desafio era outro. A nossa pequena exploradora já tinha mais de um ano e meio de vida, e este pormenor faz toda a diferença. Se antes tínhamos a ilusão de que a logística seria mais simples à medida que ela crescesse, *Spoiler Alert*: não é. Andar só significa que ela tem mais oportunidades para

explorar, desaparecer por breves segundos e fazer-nos acreditar que viajar com uma criança é o derradeiro desporto radical. Mas estávamos prontos. Ou quase...

Em comparação com a nossa última viagem, em que percorremos as ruas de Milão, Veneza, Zurique e Liechtenstein, percebemos que ainda havia muito mais por descobrir na região alpina. Desta vez, queríamos explorar as Dolomitas, uma cadeia montanhosa situada no norte de Itália, conhecida pelas suas impressionantes formações rochosas e vales profundos, que fazem parte do Património Mundial da UNESCO. As Dolomitas não só têm uma beleza natural deslumbrante, mas também um significado histórico importante, dado que foram palco de confrontos durante a Primeira Guerra Mundial.

Para além disso, tínhamos uma forte vontade de viajar pela Áustria e mergulhar nos encantos das suas paisagens naturais. E já que íamos à Áustria, pensámos: por que não visitar também os castelos da Baviera, no sul da Alemanha, e aproveitar para conhecer Munique? A excitação e a nossa criatividade na escolha dos destinos foram crescendo, e antes que déssemos por isso, estávamos a planear uma viagem completamente diferente da que havíamos feito no ano anterior.

Depois de tudo mais ou menos alinhado (se é que alguma vez está realmente alinhado quando se viaja com crianças), decidi que era a altura certa para fazer o telefonema crucial. Liguei ao Alexandre, na expectativa de lhe vender o plano ambicioso, já bem esboçado na cabeça. Estava pronto para o convencer a juntar-se a nós numa nova epopeia.

— Alexandre, ouve lá — comecei eu, tentando soar casual, como se não estivesse a tentar vender a ideia mais

arriscada do ano. — Estás a ver a nossa última viagem aos Alpes? Aquele caos maravilhoso? Pois bem, eu tenho uma ideia... que tal repetirmos, mas desta vez a sério? Com um novo roteiro. Algo diferente, algo... desafiador.

Do outro lado da linha, o silêncio.

Continuei, antes que ele tivesse tempo de inventar uma desculpa: — Os destinos, meu amigo, os destinos! Como se não bastasse a nossa bela companhia, temos planos de ir ainda mais longe. Claro que voltamos aos Alpes, mas desta vez vamos explorar a região norte de Itália, mais concretamente, as Dolomitas. E não fiquemos por aí! Áustria, a zona do Tirol, Hallstatt! Já viste aqueles lagos, Alexandre? Maravilhosos, transparentes, o tipo de coisa que nos faz querer mergulhar... ou pelo menos imaginar que somos aventureiros.

Houve um ligeiro hesitar do outro lado. O Alexandre não é fácil de convencer quando se trata de aventuras inesperadas, especialmente quando envolvem frio e águas gélidas. Mas sabia exatamente o que fazer. A verdadeira cereja no topo do bolo de qualquer motivação masculina:

— Aposto que não és capaz de mergulhar comigo num desses lagos, Alexandre — disse, com aquele tom desafiador, o clássico “não és homem, não és nada”.

O silêncio durou um segundo a mais do que o habitual. Depois, a resposta veio firme, quase indignada: — Aposto que serei eu o primeiro a ir a banhos! Não sou homem, não sou nada!

Eu sabia. A velha fórmula nunca falha! Pode ser a lógica mais absurda, mas desafiar a masculinidade num cenário de aventura é o equivalente a acender um

rastilho num barril de pólvora. E assim, com a missão cumprida, o Alexandre estava oficialmente a bordo.

Agora, era tempo de planificar a viagem ao pormenor! Tínhamos de conciliar agendas, determinar trajetos e, claro, garantir os melhores descontos possíveis em tudo: bilhetes, aluguer de viaturas, alojamentos... basicamente, a missão agora era viajar como uma família aventureira, mas com o orçamento de estudantes universitários em *erasmus*.

Uma coisa era certa: para pouparmos algum dinheiro, eu, a Íris e a Tatiana voaríamos de Lisboa até Bérghamo, em Itália. Lá, encontrar-nos-íamos com o Alexandre e a Tiziana, que estavam a viver em Vimodrone, uma pequena localidade nos arredores de Milão. A partir desse ponto, a nossa aventura começaria oficialmente, com todos juntos a caminho dos destinos que planeáramos. Este foi o ponto de partida que nos permitiu mergulhar nos detalhes da viagem.

Com isto em mente, a nossa agenda passou à etapa seguinte, a de conciliar datas: 23 de março a 31 de março, foi o período escolhido entre todos. Nove dias de pura aventura pelos Alpes, Dolomitas, Áustria, Alemanha e afins! Não era muito tempo, mas para nós, qualquer coisa que ultrapassasse o fim de semana já representava uma expedição. Agora, o verdadeiro desafio era otimizar ao máximo esses dias, porque, com uma criança de um ano e meio, cada minuto extra de logística pode parecer uma eternidade.

A Tiziana, fiel ao seu talento de maestra do itinerário, assumiu o comando da organização e reservas de alojamento. Num piscar de olhos, já tinha reservado *Airbnbs* estrategicamente colocados ao longo de todo o

percurso, como se estivesse a jogar Tetris com as paisagens alpinas. Foi impressionante — parecia que ela tinha nascido com um mapa na mão e uma *app* de reservas na outra. Enquanto nós ainda nos debatíamos entre “levar dois pares de sapatos ou mais um casaco”, ela já tinha garantido conforto, proximidade às principais atrações e, claro, a possibilidade de um *Wi-Fi* decente para nos salvar de emergências parentais.

Entretanto, eu e a Tatiana, na tentativa de sermos igualmente eficientes, tratámos de comprar os bilhetes de avião. E, surpresa das surpresas, acabaram por ser ligeiramente mais caros do que no ano anterior. Entre a inflação, a alta procura de voos, e talvez o alinhamento errático dos astros no momento da compra, lá ficámos com uma despesa extra. Mas, pelo menos, conseguimos uma pequena vitória: o preço do aluguer do carro manteve-se competitivo. Pelo menos aqui não iríamos gastar uma fortuna, mesmo que, ironicamente, o carro fosse provavelmente o lugar onde passaríamos mais tempo juntos.

Agora que o básico estava garantido — bilhetes, viaturas e alojamentos —, era altura de visitar a nossa velha companheira de viagem: a lista... a temida lista do que levar connosco. Viajar com a Íris transformava a logística numa espécie de *Sudoku* de alto nível. Já sabíamos que era uma espécie de quebra-cabeças. O que antes parecia simples — “uma muda de roupa e estamos prontos” — agora envolvia uma reflexão estratégica. Fraldas, brinquedos, *snacks* para todos os possíveis estados de humor e uma quantidade absurda de roupa extra. Sabes que as coisas mudaram quando estás a